

Introdução

Tendências na emigração portuguesa

01. Portugal é hoje o país da União Europeia com mais emigrantes em proporção da sua população residente. O número de emigrantes portugueses supera os dois milhões, o que significa que mais de 20% dos portugueses vive fora do país em que nasceu. O crescimento do número de portugueses emigrados foi, nas duas últimas décadas, superior ao crescimento da população residente em Portugal. Só em 2013 saíram do país cerca de 110.000 portugueses.

02. A emigração portuguesa tem sido uma constante desde a II Guerra Mundial, embora com intensidade variável. Até meados dos anos 60, foi uma emigração predominantemente intercontinental, com a América e as ex-colónias de África como destinos principais. A partir de então dirigiu-se sobretudo para a Europa, com um curto interregno na década que se seguiu à Revolução de 1974.

03. A emigração voltou a crescer de forma gradual e continuada em consequência da integração de Portugal na Comunidade Económica Portuguesa, em 1986. A liberdade de circulação no espaço europeu, que inclui os países da União Europeia e da EFTA, explica porque nesta fase a emigração portuguesa se concentrou ainda mais na Europa. Em 2010 não só residiam no conjunto dos países europeus mais de dois terços dos portugueses emigrados como se dirigiram para a Europa mais de 85% dos emigrantes que nesse ano saíram de Portugal.

04. A estagnação do crescimento económico em Portugal que se seguiu à entrada no Euro, bem como a consequente pressão depressiva sobre o investimento público, traduziram-se num crescimento da emigração nas duas primeiras décadas do século XXI. Esse crescimento seria interrompido com a crise de 2008 e regressaria, ainda com mais intensidade, a partir de 2010.

05. Os efeitos da crise sobre o volume e o padrão da emigração portuguesa variaram ao longo dos últimos anos. Numa primeira fase, entre 2008 e 2010, a natureza global da crise financeira e, em particular, o seu impacto no emprego em Espanha, então o principal destino da emigração portuguesa, traduziram-se num decréscimo da emigração portuguesa. Desde 2010, com a natureza assimétrica da chamada crise das dívidas soberanas e os efeitos recessivos das políticas de austeridade, a emigração passou a crescer mais do que antes da crise.

06. Na fase atual da emigração portuguesa destacam-se como destinos principais o Reino Unido, a Suíça, a França e a Alemanha. O Reino Unido constitui, hoje, não só o principal destino da emigração, como o mais importante polo de atração dos emigrantes portugueses qualificados.

07. Nos países americanos onde é mais antiga a emigração portuguesa, há hoje populações emigradas numerosas mas envelhecidas e em declínio. É o caso do Canadá, dos EUA, da Venezuela e do Brasil, embora a emigração para este último país mostre já alguns sinais de ligeira retoma. Em geral, no entanto, a entrada de novos imigrantes portugueses nos países americanos diminuiu tanto que tem sido insuficiente para compensar a mortalidade e movimentos de retorno e de reemigração.

08. Nos destinos europeus da emigração portuguesa dos anos 60, as populações portuguesas emigradas são numerosas e envelhecidas mas em crescimento. A recente retoma da emigração portuguesa para países como a Alemanha, França e Luxemburgo foi já suficiente para inverter a tendência para a estabilização ou mesmo diminuição das populações portuguesas aí residentes, mas não para compensar o seu envelhecimento em consequência da interrupção dos fluxos no período pós-1974.

09. Finalmente, nos novos destinos da emigração portuguesa as populações emigradas são jovens e estão em crescimento, embora com padrões já variáveis. O destaque vai para três países: a Suíça, com uma história de emigração portuguesa intensa mais longa, desde a segunda metade dos anos 1980; o Reino Unido, hoje o principal destino da emigração portuguesa e ainda numa fase de grande crescimento; e a Espanha, a atravessar uma fase de declínio como destino migratório desde a crise financeira de 2008, em consequência da recessão nos sectores da construção que tinham sido responsáveis pela atração de mão-de-obra pouco qualificada no período anterior.

10. A nova emigração portuguesa é mais qualificada. Porém, com os dados disponíveis, dos censos de 2010/11, não é possível afirmar que essa maior qualificação seja superior à maior qualificação da população portuguesa em geral. Até aquela data, o crescimento da população emigrada com um diploma do ensino superior fez-se ao mesmo ritmo do crescimento da população portuguesa diplomada. No entanto, com o colapso pós-2008 do maior fluxo de emigração portuguesa desqualificada do século XXI, para Espanha, e o crescimento da emigração para novos destinos como o Reino Unido, é possível que esteja a haver mudanças na estrutura das qualificações da emigração ainda não registadas.

11. O crescimento da emigração nos últimos anos tem já tradução na variação do valor das remessas recebidas em Portugal. Em termos nominais, esse valor subiu mais de 10% ao ano desde 2011. Neste ano, o valor total das remessas de emigrantes recebidas em Portugal

ultrapassou os três mil milhões de euros, o que correspondeu a cerca de 1.8% do PIB. Em termos relativos, Portugal é hoje um dos países da União Europeia em que é maior o impacto económico das remessas. Os dois países onde residem mais portugueses, França e Suíça, foram também os países de origem de mais de metade das remessas recebidas em Portugal em 2013.

Observações metodológicas

12. Há, nas migrações internacionais, uma assimetria fundamental. O direito de sair do país em que se reside está hoje estabelecido como liberdade individual fundamental.

Pelo contrário, a entrada num país que não o de nacionalidade continua a depender da vontade soberana dos estados nacionais. Consequentemente, não há registos de saídas (emigração) mas apenas de entradas (imigração). Estimar e caracterizar a emigração de um país requer pois que se compilem os dados sobre a entrada e permanência dos emigrantes nos países de destino. Os dados que o Observatório da Emigração recolhe, divulga e analisa são pois os dados que obtém junto das instituições responsáveis pelas estatísticas da imigração nos países de destino da emigração portuguesa.

13. Os problemas de harmonização de dados produzidos por uma tão grande variedade de organizações, a fragilidade dos sistemas estatísticos em alguns países, bem como a natureza internacional dos movimentos em causa estão na origem de uma crescente intervenção das principais organizações internacionais na produção de bases de dados e de indicadores estatísticos sobre a emigração. Esses dados são hoje de consulta indispensável para um melhor conhecimento do fenómeno migratório. O *Factbook* reúne também os dados e estimativas sobre a emigração portuguesa disponíveis em fontes como o Eurostat, a OCDE, o Banco Mundial e as Nações Unidas.

14. Nos organismos internacionais há hoje consenso sobre a utilização, como indicador da emigração, da variável naturalidade: considera-se emigrante quem vive há mais de um ano num país diferente daquele em que nasceu. Contudo, quando se trata de estatísticas sobre a entrada de imigrantes num país, os dados disponíveis são geralmente dados sobre a entrada de estrangeiros, pois é o controlo da entrada de estrangeiros que é objecto de registo. No *Factbook* usam-se pois, em regra, dois indicadores sobre a emigração. Quando se trata de medir e caracterizar as populações portuguesas emigradas, o indicador retido é, sempre que disponível, o da naturalidade — nascidos em Portugal residentes noutros países. Quando está em causa a medição do movimento de entrada de portugueses nos países de destino, o indicador usado é geralmente o da nacionalidade — portugueses entrados noutros países.

15. A dispersão dos dados sobre a emigração portuguesa, produzidos por instituições estatísticas de dezenas de países, nas línguas nacionais, muitas vezes não disponíveis ao público ou mesmo não apurados, torna muito difícil o acesso individual rápido à informação relevante. A atividade do Observatório tem por primeiro objectivo remover as dificuldades assinaladas e compilar e seleccionar os dados originais sobre a emigração portuguesa disponíveis nas fontes dos países de destino, bem como, sempre que necessário, negociar o apuramento e o acesso aos dados produzidos por aquelas fontes que não se encontram disponíveis. Posteriormente, o Observatório harmoniza e reúne os dados assim obtidos e divulga-os através do seu sítio Web e das suas publicações. Com o *Factbook* pretende-se compilar anualmente os principais indicadores sobre a emigração portuguesa que resultam daquele trabalho sistemático e disponibilizá-los em formato condensado a todos os que necessitam dessa informação, em particular investigadores, decisores e jornalistas.

16. O *Factbook* está organizado em quatro capítulos. O primeiro capítulo disponibiliza os dados agregados sobre a emigração portuguesa total, muitos dos quais são estimativas, bem como dados comparados sobre a emigração portuguesa e mundial. O segundo capítulo disponibiliza informação mais pormenorizada sobre quatro indicadores da emigração portuguesa para os principais países de destino: fluxos, estoques, nacionalidade e registos consulares. O terceiro capítulo reúne a principal informação sobre as remessas recebidas em Portugal e enviadas de Portugal. O quarto capítulo tem um conteúdo anualmente variável. Neste primeiro número, o *Factbook* disponibiliza séries cronológicas sobre a emigração portuguesa, que cobrem todo o século XXI, para os principais países de destino. Na edição do próximo ano, serão disponibilizados os dados dos censos de 2000/01 e de 2010/11 sobre as características sociodemográficas das populações portuguesas emigradas nos principais países de destino. O *Factbook* inclui ainda a informação básica sobre os indicadores e fontes consultados (metadata e glossário).